

NADA VAI PARA O LIXO

VANESSA PIAZZA

vanessa@jppjournal.com.br

Ao se deparar, em meio a suas pesquisas, com o dado de que 60% do lixo que vai para os aterros sanitários ou para os lixões a céu aberto é composto por resíduos domésticos, o estudante de agronomia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) Ramom Weinz Morato, 24, chegou à conclusão de que uma das melhores maneiras de contribuir com a sustentabilidade ambiental é praticar uma técnica muito simples: a compostagem, que nada mais é do que misturar restos vegetais e animais com materiais como palha, grama e folha para se chegar a um composto orgânico que serve de adubo natural para plantas e culturas agrícolas. “É um processo de certa forma natural. O que fazemos é controlar algumas condições como temperatura, umidade e aeração para que os microorganismos consigam degradar a matéria orgânica”, esclarece o jovem.

Na opinião de Ramom, que há quatro anos coordena o Cepara (Centro de Estudos e Pesquisas para o Aproveitamento de Resíduos Agroindustriais) da Esalq, além dos benefícios que o composto oferece ao solo, já que facilita a absorção de nutrientes, o processo de compostagem é bacana porque possibilita a interação com aquilo que comemos e com o que jogamos fora. “O procedimento melhora nossa percepção sobre o desperdício e ainda promove uma proximidade com a natureza. Em casa, por exemplo, depois que o composto está pronto, nós o utilizamos para adubar as flores que cultivamos”, comenta o estudante.

Também integrante do Cepara, Marina Yasbek Reia, 23, estudante de gestão ambiental da Esalq, conta que o início da prática às vezes é um pouco complicado por causa do cheiro que o lixo orgânico produz após 4 ou 5 dias de acúmulo e por conta das moscas que podem



O estudante de agronomia Ramom realiza compostagem em sua casa

aparecer caso haja pouco material seco na mistura. Entretanto, medidas simples como despejar na composteira os resíduos orgânicos do balde, mesmo antes de ele estar completo; conhecer a quantidade adequada de carbono e de nitrogênio na mistura e ainda não esquecer de forrar a primeira camada e a última com os materiais que são fontes de carbono podem resolver os problemas. “É importante montar a pilha com a junção de material fonte de carbono — como restos secos de folha, de grama, palha ou resíduos de poda de árvores — e de material fonte de nitrogênio — como restos de comida, lodo de esgoto doméstico ou esterco animal”, explica a jovem.

De acordo com Marina muitos são os benefícios do procedimento, “promove-se a saúde do solo; elimina-se o problema de destino do lixo, que envolve a questão dos aterros, da eutrofização das águas e de doenças; e evita-se a dependência em relação a adubos químicos feitos a partir do petróleo, o que representa também uma economia de recursos naturais”.

ASSIM QUE SE FAZ

De acordo com Ramom, o equilíbrio do material da composteira pode ser alcançado mantendo a proporção de três porções de material vegetal — fonte de carbono — para cada porção de restos de comida — fonte de nitrogênio. Quanto à umidade e à ventilação, basta molhar mais ou menos e dar uma revirada na mistura para que o ar entre. Já a temperatura, que tem origem pela própria ação biológica dos organismos que fazem a decomposição dos alimentos, pode ser controlada sentindo a temperatura com as mãos ou com uma barrinha de ferro. Outra dica dada pelos estudantes é evitar a inclusão de detritos de carne na mistura, por serem degradados por outras classes de microorganismos.